

INCLUSÃO DIGITAL: Intervenções para o alcance do letramento digital de alunos indígenas e quilombolas

GASPAR, Marina de Sousa ¹

VIEIRA, Nicole Araújo ²

Orientadora: CAMPOS, Jailma Bulhões³

RESUMO: Este trabalho aborda as ações desenvolvidas, no âmbito da inclusão digital, pelos Projetos Literacia e Integração Acadêmica (PLIA) e Tutoria para alunos indígenas e quilombolas da Universidade Federal do Pará. A pesquisa é de natureza aplicada e abordagem qualitativa, e utilizou os dados oriundos da etapa de escuta ativa realizada com os alunos participantes do projeto, o que possibilitou a identificação das principais dificuldades dos discentes com as tecnologias digitais no ambiente acadêmico e a realização das intervenções necessárias, com a oferta do evento Semana de Inclusão Digital para alunos indígenas e quilombolas. Dessa forma, aponta-se a importância do trabalho de inclusão digital como forma de intervenção para o alcance do letramento digital dos alunos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de mais autonomia nos trabalhos acadêmicos que cada vez mais exigem habilidades técnicas e críticas no uso das tecnologias digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de Literacia Acadêmica; Projeto de Monitoria; Grupos Étnicos; Inclusão digital

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da observação durante as atividades realizadas no Projeto Literacia e Integração Acadêmica: *a autonomia pelas vias da aprendizagem e inclusão* (PLIA) e no Projeto de Tutoria Acadêmica - ILC⁴. O público-alvo dos projetos são discentes oriundos de comunidades indígenas e quilombolas, que ingressaram na UFPA por meio do Processo Seletivo Especial (PSE). Além disso, os projetos prestam auxílio quanto aos gêneros acadêmicos escritos e orais trabalhados ao longo dos cursos, como também buscam assistir às demandas das disciplinas do curso de Letras - Língua Portuguesa quando solicitado, além de oferecer auxílio na inclusão digital dos discentes. Visto isso, este trabalho objetiva

¹Graduanda em Licenciatura, Letras Língua Portuguesa, Bolsista PROEG, UFPA, Campus Belém, marina.gaspar@ilc.ufpa.br

²Graduanda em Licenciatura, Letras - Língua Portuguesa, Bolsista SAEST, UFPA, Campus Belém, nicole.vieira@ilc.ufpa.br

³Professora de ensino-aprendizagem do português, Faculdade de Letras, Instituto de Letras e Comunicação, UFPA, Campus Belém, jailma@ufpa.br

⁴Instituto de Letras e Comunicação

apresentar as ações em conjunto dos dois projetos no âmbito da inclusão digital, e, posteriormente, apontar como resultado do trabalho o progresso e a autonomia dos discentes assistidos nas tarefas da graduação.

Este texto organiza-se primeiramente destacando a metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho. Em seguida, apresenta resultados e discussões, enfatizando as dificuldades detectadas pelos monitores e tutores, por meio de excertos das falas dos discentes durante a escuta ativa. E, posteriormente, destaca as ações do evento Semana da Inclusão Digital como forma de intervenção para ajudar os discentes nas dificuldades referentes às tecnologias digitais.

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada é de natureza aplicada, pois apresenta novos dados coletados por meio de levantamento que foram posteriormente analisados, gerando conhecimento na área a que se refere. É de abordagem qualitativa, pois além da pesquisa bibliográfica, em documentos já publicados, realiza a análise de dados citada acima por meio da interpretação e atribuição de significados.

A coleta de dados foi realizada por meio da escuta ativa de cunho etnográfico, com o objetivo de identificar as principais dificuldades dos discentes, dentre elas as dificuldades em relação a tecnologias digitais, e posteriormente as respostas obtidas foram gravadas, transcritas no programa Word e revisadas pelos monitores. A escuta ativa foi uma prática de caráter empático realizada no início das atividades do PLIA e do Projeto Tutoria. Ocorre por meio de 10 perguntas feitas com o objetivo de mapear as dificuldades apresentadas pelos alunos em disciplinas dos respectivos cursos de graduação, dentre elas, destacamos a oitava pergunta: “*Quais habilidades você considera que tem no uso de tecnologias digitais?*”. (Considerando o uso de celular, notebook, computador (desktop), digitação de textos no Word, criação de slides em PowerPoint ou Canva).

No tratamento dos dados foram feitos quadros sinópticos⁵ de cada escuta ativa, que posteriormente foram utilizados para construir um quadro de análise organizado da seguinte forma: dividido em Categoria > Subcategoria > Índice

⁵ Quadros criados para categorizar as dificuldades dos alunos participantes.

>Unidade de Contexto > Quantidade de ocorrências. Como demonstrado no recorte abaixo⁶:

Quadro 01. Recorte do quadro de categorias criado pelas autoras para mapeamento de dificuldades dos discentes indígenas e quilombolas.

Categoria	Subcategoria	Índice	Unidade de Contexto	Ocorrências
Dificuldades de aprendizagem	Dificuldades Tecnológicas	1. Mídias Digitais 2. Uso de Computador	Apresenta recortes de falas que expressam uma dificuldade	Apresenta a frequência que uma dificuldade foi mencionada nas verbalizações dos alunos.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Ou seja, entre as escutas ativas, os alunos apresentaram dificuldades de aprendizagem ligadas ao uso de tecnologias, sendo o índice em mídias digitais e uso do computador. Após a análise dos dados, os monitores e tutores elaboraram planos de ensino individual para cada aluno de acordo com as dificuldades apontadas na escuta ativa, e entre as atividades desse plano foram agendados atendimentos individualizados para realizar a inclusão digital do discente no uso de programas como Word, Power Point e Canva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos nesta seção os resultados da escuta ativa bem como a intervenção feita pelos monitores a partir dela. Em cada índice do quadro de categorias, há a presença das unidades de contexto, ou seja, frases ditas pelo aluno que comprovam suas dificuldades.

No índice “Uso de computador”, destacamos:

Excerto 1 (informante 1)

⁶ Para visualizar o quadro de categorias completo, acesse no Onedrive o link a seguir: [QUADRO DE CATEGORIAS.docx](#)

“[...] Já fui algumas vezes lá, mas nesse período que eu ia eu ainda não tinha o curso básico de informática, aí era mesmo que ser uma caixa que tem um monte de coisa que eu não sabia nada.”

No excerto acima, o discente relata que frequentava um espaço disponibilizado na universidade para utilizar computadores, no entanto em sua fala demonstra sua falta de habilidade tanto no uso do aparelho, quanto no que é possível fazer por meio dele. Além disso, neste índice, temos mais 4 ocorrências identificadas nas falas dos informantes.

Podemos observar no índice “Mídias Digitais” a seguinte fala:

Excerto 2 (informante 2)

“Já puxa o digital, tipo eu tenho pouco acesso ao SIGAA, é mais tipo, até o e-mail para enviar a gente tem dificuldade”

Nesta verbalização a aluna menciona o SIGAA, plataforma utilizada na universidade por docentes e discentes. Ela relata que tem pouco acesso e frisa sua pouca habilidade no uso da internet para acessar plataformas necessárias no meio acadêmico. Isso dificulta o uso de autonomia para realizar trabalhos, enviá-los ou até mesmo acessar o conteúdo disponibilizado pelo professor na plataforma.

Portanto, por meio do mapeamento, os monitores e tutores foram capazes de descobrir quais eram as dificuldades apresentadas pelos alunos, e isso possibilitou o planejamento das ações para a inclusão digital como mecanismo de letramento digital, proporcionando, assim, maior autonomia na realização dos trabalhos acadêmicos.

Berbel (2011, p. 28), à luz de Reeve (2009), estabelece que, para que o professor promova a autonomia, ele deve adotar a perspectiva do aluno, deve acolher seus pensamentos, sentimentos e ações, sempre que manifestados e apoiar o seu desenvolvimento motivacional e a capacidade para autorregular-se. Ou seja, no contexto deste trabalho, os monitores e tutores, ao realizarem as práticas empáticas, adotam a perspectiva do aluno, o que possibilita fazer as intervenções necessárias por meio do processo de ensino aprendizagem.

Observemos mais uma verbalização:

Excerto 03 (informante 3)

“[Uso] mais o celular, só que nem todas as ferramentas daqui eu também consigo usar, é como se fosse ensinar uma criança a ser alfabetizada, eu tenho vergonha sabe.”

Torna-se evidente na fala da aluna o distanciamento dos meios digitais e a falta de habilidade para utilizá-los de forma eficiente no meio acadêmico, e isso comprova que apesar de alguns alunos terem o suporte, nem todos possuem as habilidades necessárias para o uso adequado, resultando em um nível inferior de letramento digital.

Além disso, o contexto da educação básica de alunos quilombolas e indígenas não privilegia o acesso à tecnologia e o letramento digital. A fala da aluna reflete esta realidade:

Excerto 4 (informante 2)

“Porque o certo era a gente já ter essa base lá no quilombo [...] Porque a realidade continua a mesma, não tem literatura trabalhada na sala de aula do quilombo, não tem aula de informática.”

Como dito anteriormente, o distanciamento que os discentes apresentam deve-se ao fato de que não possuem essa base em suas comunidades, ocasionando a falta de autonomia para digitar textos no Word, criar suas apresentações em slides, navegar pela internet para fazer pesquisas acadêmicas, utilizar plataformas digitais requeridas em sala de aula e na Universidade.

Dessa forma, é comum ouvir dos alunos, durante as práticas empáticas, que eles necessitam da ajuda de colegas de sala de aula, ou qualquer outra pessoa que tenha familiaridade com as TIC's. Esse fato contribui para diminuir a autonomia do aluno, ou seja, o discente sempre dependerá do tempo e disponibilidade de outro para concluir suas tarefas acadêmicas o que gera desconforto, baixa autoestima, entre outros sentimentos relatados pelos alunos, como é observado na fala da discente abaixo:

Excerto 5 (informante 3)

“Só peço para esse meu amigo, porque ele também é um aluno que vem de uma comunidade quilombola e ele entende e compreende a minha dor. Se eu for pedir pra outra pessoa ele não vai compreender. O que é que ele vai achar? Que eu sou desinteressada, que eu sou preguiçosa, aquilo, não faço caso, então isso é uma coisa que me preocupa muito”

É notório na fala dos alunos que eles reconhecem a importância do uso das tecnologias no cotidiano e nas tarefas acadêmicas, comprovando o que Conceição et al. afirmam em seu artigo *Era digital:Letramento(s) Digital (is)*:

É possível observar que o letramento digital se faz necessário especialmente na Era digital, pois estamos na Era da informação na qual a tecnologia faz parte do cotidiano, e cada vez mais é necessário estar inserido no ecossistema e saber como manusear as ferramentas tecnológicas, desenvolvendo um mínimo de capacidade e de competência técnica (2019, p.12).

Como letramento digital, nosso entendimento dialoga com o postulado de Oliveira (2009, p. 26):

Letramento digital é muito mais que receber informações por meio da escrita em suportes digitais. É incluir capacidades de pesquisar uma informação de maneira rápida, analisar sua confiabilidade, criar, produzir conhecimento e disponibilizar na rede suas produções. É saber agir coletivamente, construindo trabalhos colaborativos, interagir a partir desse imenso leque de opções de comunicação que existe no ambiente virtual e, principalmente, atuar constantemente de forma crítica, potencializando os usos das TIC no seu cotidiano, melhorando sua condição social e a sua participação no mundo(2009, p.26).

Nesse sentido, a percepção de letramento digital apresentada por Oliveira (2009) demonstra que o indivíduo precisa dominar diversas ações, sendo essas não somente digitais, mas também sociais, pois ao dominar essas habilidades terá determinado avanço no processo de letramento digital.

Portanto, segundo Conceição, et al. (2019, p. 7) em consonância com Romaní, afirma

O letramento digital demanda competências técnicas básicas aos sujeitos, assim o conceito de sujeito letrado compreende algumas capacidades, ou seja, “ser digitalmente letrado envolve usar tecnologias para informação e conhecimento, para acessar, recuperar, armazenar, organizar, gerir, sintetizar, integrar, apresentar, partilhar, trocar e comunicar em múltiplos formatos, textuais ou multimídia” Romaní (2012, p.10).

Sendo assim, ser letrado no âmbito digital requer a dinamicidade para acessar plataformas, navegar pela internet, interagir digitalmente, partilhar e receber informações. Ou seja, quanto mais afastado dessa realidade um indivíduo é, mais dificuldades ele encontrará para agir no meio digital. Tendo em vista esta realidade apresentada pelos discentes dos projetos, é importante dizer que o PLIA e o Projeto de Tutoria têm, entre as atividades desenvolvidas, a Inclusão Digital.

Nesse sentido, o auxílio prestado nessa modalidade ocorre em dias específicos e durante os atendimentos são trabalhadas as dificuldades dos alunos com as tecnologias digitais.

De acordo com as respostas dos discentes na escuta ativa no que diz respeito às habilidades com as tecnologias digitais, o número de alunos que relata não ter nenhuma habilidade é maior do que os que dizem ter familiaridade com ferramentas tecnológicas. Sendo assim, esse dado pode estar relacionado com os seguintes fatores: os alunos não possuem aparelhos eletrônicos tornando difícil a escrita de trabalhos acadêmicos, outros relatam possuir aparelhos como notebook

ou smartphone com acesso à internet, no entanto não possuem habilidades para utilizar esse recurso de forma eficaz.

Podemos verificar o reconhecimento da falta de habilidades tecnológicas na fala de um discente quilombola durante a escuta ativa:

Excerto 5 (informante 3)

“Poucas, na verdade eu considero que nem tenho habilidade.”

Visto isso, esse cenário está de acordo com o que Araújo (2008, p.2) defende, “pois mesmo vivendo em uma sociedade democrática, temos consciência de que as oportunidades não são iguais para todos os cidadãos”. Logo, é notório que se os alunos não têm acesso às ferramentas necessárias para a inclusão digital, ou tampouco possuem habilidades para utilizá-las, haverá prejuízos no âmbito do letramento digital.

Além disso, durante os atendimentos individuais, era muito comum os feedbacks positivos por parte dos alunos no que se refere às atividades de inclusão digital nos dois projetos. Visto isso, o PLIA e o Projeto de Tutoria em conjunto com a sua coordenação organizaram a Semana de Inclusão Digital para alunos indígenas e quilombolas, com o objetivo de reunir um grupo maior de estudantes e fornecer um curso intensivo com duração de uma semana, tendo como objetivo auxiliar os alunos desde o processo de manusear um computador em suas funções básicas, como também utilizar os programas Word, Power Point, e mostrar como usar o SIGAA, Gmail e outras plataformas digitais.

A Semana de Inclusão Digital entre os dias 20 e 24 de novembro de 2023, em uma sala de informática com desktops com acesso à internet para todos os discentes. Dessa forma, a programação do evento foi disposta da seguinte forma no Roteiro de Atividades elaborado pelos monitores: Aula 1: Uso de computadores e suas ferramentas; Aula 2: Uso do programa Word; Aula 3: Utilização de Power Point; Aula 4: Acesso e uso de plataformas digitais.

As aulas foram realizadas em 2 horas por encontro, e de forma dinâmica. Os monitores davam aulas explicativas e expositivas com auxílio de slides. É importante frisar que durante as aulas as demais tutoras e monitores ficavam à disposição para sanar dúvidas que surgiam no momento das explicações.

No total, foram contabilizados, por meio de frequência no Google Formulário, 24 participantes e entre esse número havia discentes que não integravam nenhum dos dois projetos. No fim do evento, os feedbacks dos

discentes no grupo de WhatsApp da Semana de Inclusão Digital foram 100% positivos. Seguem alguns deles:

Excerto 6 (informante 4)

“Foi tudo esse momento. Obrigada a todos do projeto plia, pela dedicação, respeito. Obrigada por ouvirem nossas dores e anseios e embarcar conosco nessa viagem gratidão a vocês por nos proporcionar esses conhecimentos. Obrigada de coração.”

Excerto 7 (informante 5)

“Semana de muito aprendizado, e novas descobertas, fico feliz por agregar este conhecimento na minha caminhada Acadêmica. Projeto PLIA se superando. Parabéns.”

Excerto 8 (informante 6)

“Parabéns a todos da coordenação do projeto por se disponibilizarem para ajudar tantos alunos e de diferentes cursos e realidades e ainda assim cumprirem a sua missão com tanta excelência. A caminhada acadêmica se torna mais leve quando temos o apoio de pessoas como vocês.”

Sendo assim, diante dos feedbacks positivos acerca do evento realizado, é possível afirmar que tal resultado foi fruto de um trabalho acolhedor e respeitoso por parte dos monitores e tutores, priorizando sempre a empatia e a dinâmica em grupo. Nesse sentido, a forma como os monitores e os tutores conduziram as atividades do evento está de acordo com o postulado de Araújo (2008), pois para ela o processo de letramento digital pode ser mais dinâmico e acessível para a sociedade por meio da comunicação e da troca de informações entre os indivíduos. Além disso, pode-se afirmar que a atividade “Semana inclusão digital” possibilitou o avanço do processo de letramento digital dos alunos, e isso foi possível constatar a partir do feedback recebido.

Por fim, a partir das intervenções realizadas, sendo elas os atendimentos individuais de inclusão digital e a Semana de Inclusão Digital, foi possível observar que os discentes de comunidades indígenas e quilombolas obtiveram avanços com os usos das tecnologias digitais. Isso foi constatado por meio da demonstração de maior autonomia dos alunos diante dos trabalhos que envolviam o uso das tecnologias digitais. Além disso, a Semana de Inclusão Digital propiciou aos discentes conhecer e reconhecer ferramentas essenciais no Word, Power Point, Gmail e SIGAA. Ademais, os discentes que não possuíam currículo lattes, com auxílio dos monitores e tutores, criaram seus perfis na plataforma do CNPQ e aprenderam a importância deste documento para o meio acadêmico.

Diante do exposto, pode-se dizer que com as intervenções do PLIA e do Projeto de Tutoria os alunos desenvolveram mais autonomia nos trabalhos que

necessitavam do uso de tecnologias digitais e conseqüentemente obtiveram um progresso significativo no letramento digital, como também no desempenho acadêmico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que o trabalho de inclusão digital é de extrema importância no dia a dia da comunidade acadêmica, visto que com a evolução da sociedade o uso das tecnologias digitais está cada vez mais presente no cotidiano e, conseqüentemente, dentro das universidades. Sendo assim, pode-se dizer que o PLIA e o Projeto de Tutoria realizam o trabalho de inclusão digital com os alunos indígenas e quilombolas de maneira que essas ações resultam no avanço do processo de letramento digital.

Além disso, destacamos que este trabalho pode ter continuidade visto que os resultados não se esgotam somente nessa investigação. O Projeto Literacia e Integração Acadêmica e o Projeto de Tutoria têm o propósito de continuamente fazer novos planejamentos e ações que contemplem os discentes indígenas e quilombolas conforme as necessidades apresentadas por eles.

Portanto, buscamos constantemente construir ações pedagógicas que privilegiem um processo de ensino aprendizagem eficaz e transformador. Além disso, os projetos primam pelo alcance de autonomia dos discentes atendidos acreditando que isso os dará maior êxito em todas as atividades que necessitam exercer dentro da academia.

5 AGRADECIMENTOS

Este trabalho se tornou possível pela troca de experiências com cada discente tanto da monitoria, quanto da tutoria. Além disso, nossas coordenadoras e professoras Célia Zeri e Jailma Bulhões, que incentivam a pesquisa acadêmica e fomentam o nosso crescimento pessoal e profissional. Agradecemos também ao Núcleo de Idiomas Sem Fronteiras por disponibilizar o laboratório de informática para a realização do evento da Semana de Inclusão Digital, como também agradecemos a Superintendência de Assistência Estudantil (SAEST) e a Pró-

Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) por confiar no trabalho dos monitores e tutores dos dois projetos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. S. de. Letramento Digital: Conceitos e Pré-Conceitos. In: 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. **Anais Eletrônicos**, Pernambuco 2008. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://includsaocognicao.files.wordpress.com/2017/04/texto-4_conceitos-de-letramento-digital.pdf&ved=2ahUKEwjUqlrGqpKEAxVgL7kGHb3YCMcQFnoECB0QAQ&usq=A0vVaw0I7TBd4BUEWM-jQZG5F7QB> Acesso em: 06 fev. 2024.

BERBEL, N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun, 2011.

CONCEIÇÃO, E. F. V. da. GHISLENI, T. S. Era digital: letramento(s) digital (is). **Research, Society and Development**. UNIFEI, v. 8, nº 12, p. 1-15, out. 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5606/560662203042/560662203042.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

OLIVEIRA, C. M. **Letramento Digital**: Hábitos e Práticas de Leitura/Escrita na Internet. 2009. 82 f. Monografia. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://repositoriodev.ufba.br/bitstream/ri/32513/1/LETRAMENTO%2520DIGITAL%2520H%25C>. Acesso em: 04 fev. 2024

ROMANÍ, C. C. Explorando tendências para a educação no século XXI. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 147, p. 848-867, dez. 2012. In: CONCEIÇÃO, E. F. V. da. GHISLENI, T. S. Era digital: letramento(s) digital (is). **Research, Society and Development**. UNIFEI, v. 8, nº 12, p. 1-15, out. 2019. p. 10